

BRASIL PINHEIRO MACHADO – SUGESTÕES PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA

LUCIANA CRISTINA PINTO

Doutoranda em História (UFSC)¹

lucristina22@gmail.com

Introdução

Nos estudos em História, é um campo fértil a linha que investiga a história do livro, da leitura, da biblioteca ou a história da palavra impressa; a temática foi estudada por muitos historiadores em diferentes partes do globo. Como exemplo, o historiador italiano Carlo Ginzburg trouxe para o debate o moleiro friulano, Domenico Scandella, com apelido de Menocchio, que no século XVI leu conteúdos e os interpretou de maneira não-cristã. Sobre os leitores de Udine, aldeia em que viveu Menochio, Ginzburg reflete: “surpreende, entretanto, que numa aldeia tão pequena de colina se lesse tanto. Infelizmente, são poucas as indicações que nos permitem precisar a posição social desses leitores”. (GINZBURG, 2006, p. 69-70).

Segundo o historiador francês Roger Chartier, “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado”. (CHARTIER, 1994, p. 11). Chartier aponta que a leitura é uma atividade livre, permitindo a reapropriação; confirmamos isso quando pensamos na leitura e interpretação de Menochio. Assim, compreendemos que o leitor pode discordar e analisar criticamente um texto à luz de suas experiências e convicções.

O americano Robert Darnton pesquisou a reação dos leitores, que através de correspondências, escreveram suas impressões sobre a obra de Jean Jacques Rousseau. “A leitura ainda permanece um mistério, embora a façamos todos os dias. A experiência é tão familiar que parece perfeitamente compreensível”. (DARNTON, 1986, p. 277).

Este estudo revelou, em parte, a complexidade de reconstruir a história da leitura: “se pudéssemos compreender como elaboramos o significado a partir de pequenas figuras impressas numa página, poderíamos começar a penetrar num mistério mais profundo”; para o autor, esse enigma seria “saber como as pessoas se orientam no mundo dos símbolos tecido em torno deles por sua cultura”. (DARNTON, 1986, p. 277).

¹ bolsista CAPES.

Portanto, uma das preocupações da história da leitura, segundo Cláudio DeNipoti, que se apoiou em Joaci Pereira Furtado (FURTADO, 1991, p. 101-112), é: “reconstruir historicamente o contexto da leitura, ou o *locus* de construção de seu sentido” (DENIPOTI, 1998, p. 38).

Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDPH

O acervo acumulado por Brasil Pinheiro Machado foi doado, em 2013, por Helena Isabel Mueller ao Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), sob a guarda do Departamento de História da referida instituição. O conjunto documental contém cadernos de anotações, revistas, recortes de jornais, correspondências, livros de poemas, crônicas, artigos publicados, manuscritos, relatórios. Para um breve histórico do lugar de guarda da documentação:

Criado em 1995, com a aquisição do acervo documental do Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC), o espaço, localizado no Campus Central da UEPG, foi inicialmente denominado Sala do Acervo Centro Cultural Euclides da Cunha. Foi ampliado em 1997, quando aconteceu a doação, feita pelo Fórum de Ponta Grossa (PR), dos processos-crime da 1ª Vara criminal (1884-1976); e em 1998, com a chegada do acervo do intelectual Faris Michael (1911-1977), entusiasta e fundador do CCEC. Muitos outros documentos foram compondo o acervo, como o Jornal da Manhã, recebido em 2008, com exemplares de 1954 a 2007. Até que em 2009, o referido acervo saiu das dependências do Campus Central e foi instalado noutro campus da mesma Instituição de Ensino superior, o Campus de Uvaranas, por conta da transferência do curso de História, que passou a usufruir de um espaço mais apropriado. Nesse momento, o acervo passou a se chamar Centro de Documentação e Pesquisa em História – UEPG. (PINTO, L. C., 2021, p. 29. Apud CDPH, 2018)

Assim, as fontes apresentadas são: o caderno de anotações manuscritas e o impresso com título de Aula inaugural, do início do Mestrado na UFPR, em 1972. As duas fontes diferem sensivelmente no conteúdo, além do formato manuscrito e impresso. Quando da escrita nos cadernos, escrevendo suas 23 sugestões para o estudo e compreensão da História, Brasil Machado poderia estar num momento de leitura e estudos solitários; diferente da publicação em 1972 em conjunto com a historiadora Cecília Maria Westphalen (1927-2004), onde compartilhava do entusiasmo do grupo do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Selecionei alguns trechos das “Sugestões” escritas por Brasil Machado, que demonstram parte de seus interesses com relação à escrita da história, à sociedade (moderna e arcaica) e também à longa duração² nos estudos históricos. Em 23 de março de 1972, o historiador paranaense citou Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), argumentando que da mesma forma que o filósofo alemão “transformou a História da Filosofia em um problema filosófico, a história também poderia transformar a historiografia em

2 Sobre os três tempos de Fernand Braudel, escreveu François Hartog: O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época do Filipe II – que organiza o escalonamento das três temporalidades – constitui-se em seu primeiro ensaio, cujo sucesso é imediato. Para começar, o alicerce da longa duração; depois, a conjuntura; finalmente, o tempo breve do acontecimento. Dos três personagens encarregados dessa dramaturgia, o último, o do tempo breve, era o mais conhecido e também o menos interessante: era o da história política clássica. O segundo, o dos ciclos e interciclos, só agora começava a ter seu lugar reconhecido. [...] O terceiro, em compensação, ainda inédito, representava a contribuição mais inovadora. Convidava a repensar a história e seus ritmos a partir desses “lençóis de história lenta”, que estão “no limite do movimento”. (HARTOG, 2013, p. 168).

um problema histórico” (MACHADO, 23 mar. 1972, sugestões n. 2):

Talvez pelos mesmos fundamentos pelos quais Hegel transformou a História da Filosofia, de um problema de erudição histórica num problema filosófico – seja possível transformar a história da história (historiografia) num problema histórico, isto é, de um problema de erudição num problema histórico. A historiografia (a compreensão da história), como qualquer outra forma do entendimento humano, é fenômeno histórico, e sendo fenômeno histórico, é elemento integrante de um período histórico e não a “verdade absoluta”.

Será, então, a historiografia apenas um aspecto do desenvolvimento histórico? (MACHADO, 23 mar. 1972, sugestões n. 2)

Em junho de 1973, Brasil Machado refletiu sobre a relação de coexistência entre a sociedade moderna e a sociedade arcaica:

Sobre o funcionamento da sociedade dual

A parte da sociedade “moderna” age sobre a parte da sociedade “arcaica”, destruindo as instituições da parte arcaica, mas não reorganizando-as. Essa influência de destruição deixa seus habitantes (isto é, os habitantes da parte arcaica) sem pontos de apoio social ou econômico; deixa-os libertados da solidariedade social institucionalizada, e, num certo sentido, “marginalizados” em relação a sociedade global. (MACHADO, 13 jun. 1973, sugestões n. 10, grifo do autor)

No que concerne às reações sobre o texto lido, Brasil Pinheiro Machado, na sugestão número 21, em 1976, citou o Movimento dos Annales, especificamente em Fernand Braudel (1902-1985) e a importância do conceito de longa duração para a historiografia, posicionando-se como um leitor crítico, por exemplo, quando se referiu ao “processo histórico”, e logo em seguida destacou entre parênteses: “ele [Braudel] nunca usou essa expressão”:

Pensando, talvez, no conceito tradicional de “forças sociais” que desencadeiam (na historiografia anterior) o processo histórico, que é a procura de um novo equilíbrio e se cristaliza em novas estruturas e novas instituições, Braudel afirma que o processo histórico (ele nunca usou essa expressão) se desenvolve em oposição dialética às coerções da “longue durée”. Eis como soam as suas próprias palavras: É em relação a essa camada subterrânea da história lenta que “a totalidade da história pode ser repensada como a partir de uma infraestrutura. Todos os patamares, os milhares de patamares, todas as milhares de explosões do tempo da história são compreendidas a partir dessas profundidades, dessa semi-imobilidade; tudo gravita ao redor da “longue durée”.

A admissão da realidade da “longue durée” ao processo histórico – é o sentido nuclear da revolução do pensamento histórico, liderada pelo grupo de Annales. (MACHADO, 27 set. 1976, Sugestões n. 21, grifos do autor)

Assim, é necessário observar parte do ambiente intelectual vivido por Brasil Pinheiro Machado, e as referências no contexto em que estava inserido podem ter relação com o modelo historiográfico de Fernand Braudel.

Fernand Braudel (1902-1985) é consensualmente considerado um dos maiores historiadores do século XX, além de ter dominado amplamente a segunda geração dos Annales – este movimento que tantas repercussões trouxe para a historiografia mundial e, particularmente, para a historiografia brasileira. (BARROS, 2012, p. 1)

O interesse sobre o conceito de longa duração de Braudel não ficou apenas no caderno de Brasil Machado, porque o título da “Sugestão nº 21” de estudos foi: **Introdução de uma aula prelecionada para o curso de pós-graduação, em 1973**. Com essa indicação ao curso de pós-graduação, passo a apresentação de parte da outra fonte investigada para essa discussão.

A publicação impressa em 1972, **Aula inaugural: cursos de pós-graduação em História na Universidade Federal do Paraná**, contém dois textos dos historiadores Cecília Maria Westphalen e Brasil Pinheiro Machado, respectivamente. Assim, Westphalen destacou, entre outras questões: a importância do diálogo interdisciplinar, o uso de fontes primárias, temas e métodos que busquem a história das conjunturas e estruturas.

Assim, as diretrizes do Departamento de História, face às conclusões do referido Seminário, conduziram os seus trabalhos científicos para a história econômica e social regional, visando construir um quadro tão completo quanto possível da sociedade e da economia paranaenses, que possibilite traçar paralelos e apontar contrastes com aqueles de outras regiões do Brasil e do Mundo. (WESTPHALEN, 1972, p. 4)

Machado (1972, p. 7) reiterou que o curso de pós-graduação em História “reacende as esperanças dos historiadores no destino da sua Ciência e na função que os estudos históricos têm na reconstrução da cultura brasileira”.

Universitários dos países mais avançados do mundo, os historiadores estrangeiros do Brasil têm consciência de que a história contemporânea se faz em escala planetária e o seu interesse, muito proveitoso para nós, é o de acompanhar a dilatação das fronteiras da modernidade e dos processos históricos que essa dilatação vai promovendo na história dos povos ainda presos à tradição. (MACHADO, 1972, p. 9)

De certa maneira, é possível identificar nesses registros citados da **Aula inaugural**, a intenção de Cecília Westphalen e Brasil Machado em ampliar o diálogo quando utilizam, respectivamente, as frases: “traçar paralelos com outras regiões do Brasil e do mundo” e “a história contemporânea se faz em escala planetária”. Outro ponto de análise, mesmo que não escrito nesta fonte, mas que provoca reflexões, é o fato de que por um lado, ao valorizar o uso das fontes primárias nas pesquisas, por outro, se pode entender que os lugares de guarda e conservação de documentos históricos como arquivos, museus, centros de documentação e memória também precisam de cuidados.

Considerações Finais

Num direcionamento ainda em fase de desenvolvimento de pesquisa, pensando numa história cultural e global da leitura, percebo que algumas das ferramentas que tornaram possível a união do local com o global foram as tecnologias digitais, que ampliam e democratizam a leitura e o acesso (para quem possui aparelhos conectados à web) aos textos sobre entretenimento, jornalismo, literatura, culinária, ciência e história, entre outros. Nas instituições de ensino, a possibilidade de ler os textos das disciplinas no formato PDF (portable document format) facilitou para os alunos nos sentidos de economia e tempo, desobrigando-os de se deslocarem para uma fotocopiadora ou livraria física.

Outra possibilidade de conexão do local com o global está na habilidade ou na facilidade, através de traduções, dos leitores em ler em outros idiomas. Ter acesso a literaturas produzidas em diferentes línguas amplia o campo de análise e a probabilidade de comparação entre países. Assim, as traduções são um campo de estudos de diversas áreas do conhecimento. Roger Chartier, com relação às traduções nos séculos XVI e XVII, afirma que o tema da tradução é hoje compartilhado pela história literária, pela crítica textual, pela sociologia cultural e também pela história global. Portanto, a intenção do seu artigo foi analisar as três convergências sobre o tema: a primeira seria no sentido da “profissionalização” da escrita; a segunda, metodológica, como uma “geografia literária” de Franco Moretti e das “histórias conectadas” de Sanjay Subramanyam; e a terceira razão seria linguística e estética, com ênfase nos autores e textos considerados intraduzíveis (CHARTIER, 2019, p. 413).

As histórias conectadas são, assim, as dos tradutores, não somente de línguas mas também de culturas, entre mundos em tudo separados. Seguir os destinos daqueles e daquelas que, como Leo Africanus (Davis, 2006), atravessaram os espaços e as línguas, compreender a violência inflexível que os juízes e os administradores exercem sobre as palavras dos conquistados e acusados subtraídos de suas próprias línguas, traçar as viagens dos livros entre as duas margens do Atlântico são várias faces de uma história global, situada nos espaços das relações tensas entre territórios e civilizações ou nos domínios imperiais. O estudo das traduções propõe a menor escala dessas histórias textuais conectadas, indo ao encontro dos significados múltiplos de um mesmo texto. (CHARTIER, 2019, p. 420)

Portanto, os textos traduzidos podem ter significados múltiplos, e a intenção aqui não será o debate sobre obras traduzidas, uma linha pesquisada pela crítica literária e também por historiadores especializados em traduções. A defesa segue no sentido de compreender a história da leitura numa perspectiva que pode se aproximar da história global. Como um sujeito histórico se conecta, através da leitura, com outros mundos, com outras culturas? Através da sua escrita, ou seja, do registro de suas leituras, podemos capturar suas interpretações e impressões sobre o que foi lido?

Considero, a partir das fontes apresentadas, que o ato de ler e refletir sobre conceitos históricos estudados globalmente, como a longa duração, no manuscrito que revelou um pesquisador interessado na escrita da história; e na sua publicação colaborativa com outra professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), refletindo sobre a teoria e o método historiográfico que deveriam nortear o curso recém-inaugurado do mestrado. As duas fontes mostram elementos de certo movimento

local de reação sobre problemas historiográficos investigados além das fronteiras nacionais.

Referências Bibliográficas:

BARROS, José D'Assunção. Fernand Braudel e a Geração Dos Annales. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 6 n. 11 jan/jun 2012. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/1883/1051>. Acesso em: 2 jun. 2017.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. Mobilidade dos textos e diversidade das línguas: traduzir nos séculos XVI e XVII. **Va-ria História**, Belo Horizonte, vol. 35, n. 68, p. 413 – 441, mai/ago 2019.

DARNTON, Robert. Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica. *In*: DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 277-336.

DENIPOTI, Cláudio. **A sedução da leitura**: livros, leitores e história cultural. (Paraná 1881-1930). Tese de doutorado. Curitiba, 1998.

FURTADO, Joaci Pereira. **Uma República de leitores**: as “Cartas Chilenas” e a história da leitura. História 10, São Paulo: Unesp, 1991.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HARTOG, François. Experiências do tempo: da história universal à história global? **História, histórias**. Brasília, v. 1, n. 1, p. 164-179, 2013.

PINTO, Luciana C. Historiadores em acervos: o fascínio e os desafios do trabalho no Centro de Documentação e Pesquisa em História. *In*: **Chave de compreensão da história**: Cultura & Identidades. Bortoloti, K.; Pereira, D. (Orgs.), Ponta Grossa: Atena, 2021, p. 27-37.

Fontes:

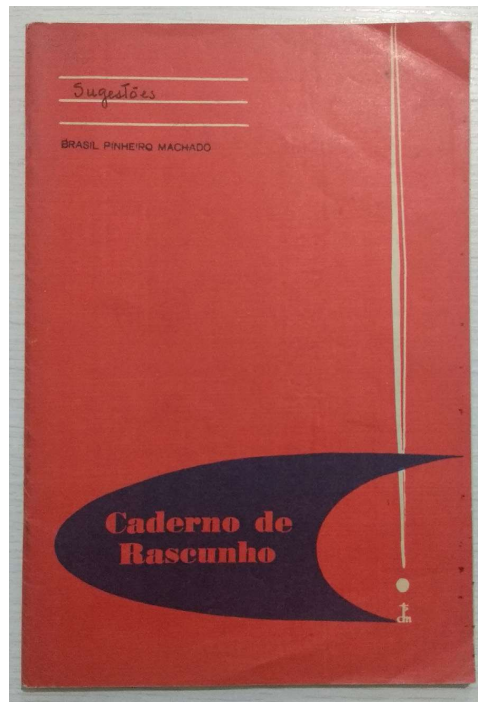
MACHADO, Brasil Pinheiro. **Sugestões**. Caderno de anotações. Data limite 1972-1977. Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), Ponta Grossa.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Discurso proferido pela Professora Cecília Maria Westphalen, por ocasião da instalação do Mestrado em História na Universidade Federal do Paraná, em 1º de outubro de 1972. *In*: **Aula inaugural**: cursos de pós-graduação em História na Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 1972, p. 3-5. Acervo Magnus Roberto de Mello Pereira. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), Ponta Grossa.

MACHADO, Brasil Pinheiro. Aula inaugural dos Cursos de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Paraná, proferida pelo professor Brasil Pinheiro Machado, em 1º de outubro de 1972. *In*: **Aula inaugural**: cursos de pós-graduação em História na Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 1972, p. 7-9. Acervo Magnus Roberto de Mello Pereira. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), Ponta Grossa.

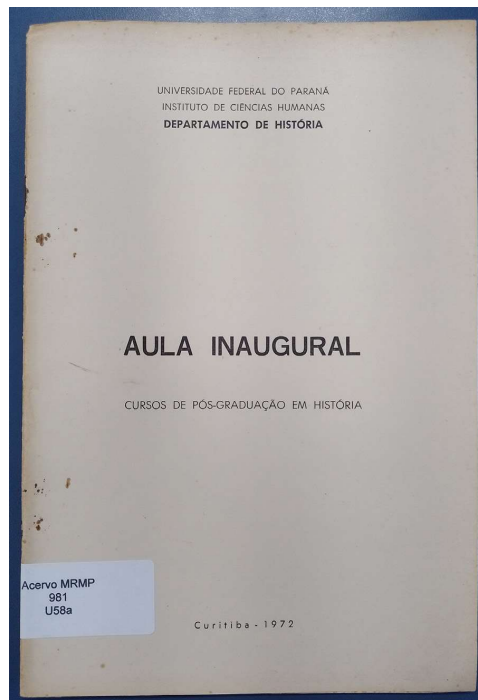
Anexos:

Imagem 1 - Capa



Fonte: MACHADO, Brasil Pinheiro. **Sugestões**. Caderno de anotações. Data limite 1972-1977. Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), Ponta Grossa. Luciana Cristina Pinto, 2022.

Imagem 2 - Capa



Fonte: MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **Aula inaugural**: cursos de pós-graduação em História na Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 1972. Acervo Magnus Roberto de Mello Pereira. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), Ponta Grossa. Luciana Cristina Pinto, 2022.